

Bracher: o acordo global é incerto

Fernão Bracher disse no Senado que o pagamento de US\$ 500 milhões envolve risco

O negociador brasileiro da dívida externa, Fernão Bracher, disse, ontem, após exposição feita na Comissão Especial da Dívida Externa do Senado Federal, que existe risco no pagamento que o Brasil fará de US\$ 500 milhões. Segundo ele, isso não significa a garantia de que os credores aceitarão as bases para o fechamento do acordo global. A assinatura do acordo provisório, no final de semana, foi, na opinião do senador Roberto Campos (PDS-MT), "o pior acordo da nossa história". Roberto Campos considerou, entretanto, um ponto de vitória em tudo isso: "O reconhecimento, por parte do Brasil, em aceitar o monitoramento do FMI".

A questão da ida ou não ao Fundo Monetário Internacional foi o ponto de maior polêmica na discussão de quase quatro horas realizada entre o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, Fernão Bracher e os senadores da Comissão da Dívida Externa. Apesar de constar no telex enviado aos credores que "o Brasil procurará o FMI para apoiar o seu programa econômico", Bracher afirmou que o telex diz também que esse acordo não deverá condicionar os de-



Bracher e Milliet com os senadores: quatro horas de discussão sobre o acordo provisório

sempolhos feitos pela comunidade financeira internacional. Ele ressaltou que "é um direito do Brasil a ida ao FMI. Porém, queremos desassociar definitivamente a nossa dívida com

os bancos privados de qualquer acordo que possamos vir a fazer com o FMI".

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, disse que o paga-

mento dos US\$ 500 milhões não significa a suspensão da moratória. "É apenas um acordo concentrado." Sobre o FMI, Milliet afirmou que "indicamos intenção de ter o apoio do

FMI para nossos programas de crescimento, mas também deixamos claro a desvinculação do acordo com os bancos privados". Ele ainda destacou que a necessidade de refinancia-

mento dos juros de 1987 é de US\$ 3,4 bilhões. E citou que as reservas brasileiras estão acima de US\$ 4 bilhões.

O próximo passo a ser dado nas negociações, segundo Fernão Bracher, é a conclusão, por parte do comitê dos bancos credores, da lista dos bancos que farão parte da contrapartida de US\$ 1 bilhão. Bracher calcula que a resposta será dada dentro de 14 a 21 dias. O primeiro desembolso, de cerca de US\$ 333 milhões do Brasil, está previsto para o dia 30. Ele ainda destacou que "se não houver adesão dos credores, não haverá pagamento brasileiro".

Na exposição que fez, Fernão Bracher afirmou que, apesar da moratória, os dispêndios financeiros do Brasil, este ano, foram de US\$ 8,2 bilhões. "Com esse quadro, resolvemos ir pelo caminho da negociação." No balanço desse acordo interino, Bracher acredita que existem boas perspectivas. "O prazo de três anos é consenso, conseguimos redução das nossas taxas de 1 1/8 para 7/8 da libor e no telex dos credores há o reconhecimento formal da proposta de emitirmos bônus de rescalonamento de longo prazo a taxas de juros fixas." Apesar dessa afirmativa, o senador Roberto Campos ressaltou que "a imagem do Brasil se desmoronou lá fora, pois o País é conhecido como o caloteiro nas finanças e o pirateiro na tecnologia".

(Brasília-Ag. Estado)

Alencar Monteiro